Revista eletrônica HISTÓRIA EM REFLEXÃO

PPGH - Programa de Pós-Graduação em História
UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

ISSN: 1981-2434
Dourados - MS - Brasil

ELIXIRES PARA O ÚTERO

Uma análise comparativa entre as obras *Da natureza da mulher*, de Hipócrates e *Erário Mineral* (1735), de Luís Gomes Ferreira

ELIXIRS FOR THE UTERUS

A comparative analysis of the works *Da natureza da mulher,* by Hippocrates and *Erário Mineral* (1735) by Luís Gomes Ferreira

GESSICA DE BRITO BUENO[1]

CHRISTIAN FAUSTO MORAES DOS SANTOS[2]

WELLINGTON BERNARDELLI SILVA FILHO[3]

RESUMO

O objetivo do presente artigo é realizar uma análise comparativa entre duas fontes documentais, o *Erário Mineral* (1735) do cirurgião Luís Gomes Ferreira e *Da natureza da mulher* do físico grego Hipócrates. A intenção é apontar como o uso de elementos e substâncias medicinais do século XVIII, para o tratamento de disfunções uterinas, estava inserido dentro da tradição médica Hipocrático-Galênico. A metodologia utilizada nessa pesquisa é a descritiva e a explicativa. Em nossa conclusão aferimos que a partir da receita da triaga brasílica citada por Ferreira, foi identificado quatro elementos que eram usados para essas disfunções. Ao passo que é situado a semelhança entre o uso deles e as substituições que o cirurgião realiza, na alteração das antigas receitas, devido ao novo contexto e flora disponível no Novo Mundo. Esses elementos são: a arruda, o vinho, a butua e a purga de rom (rum). Por fim, concluímos que médicas portuguesas ainda reproduziam e promoviam a circulação de saberes medicinais para as doenças femininas com base na Teoria Hipocrático-Galênico.

Palavras-chave: Medicina. Plantas. Disfunções Uterinas.

ABSTRACT

The aim of this article is to carry out a comparative analysis of two documentary sources, the Erário Mineral (1735) by the surgeon Luís Gomes Ferreira and "*Da natureza da mulher*" by the Greek physicist Hippocrates. The intention is to point

[1] Mestra e doutoranda no Programa de Pós-graduação em História-UEM. E-mail da autora: iamgessicabueno@gmail.com
[2] Professor do Departamento de História - UEM. E-mail do autor: chrfausto@gmail.com
[3] Professor do Departamento de História - UFAM. E-mail do autor: wbsilvafilho@ufam.edu.br

out that the use of medicinal elements and substances in the 18th century for the treatment of uterine dysfunctions was still practically the same as that listed by the Greek physicists. The methodology used in this research is descriptive and explanatory. Our conclusion is that, based on the recipe for the triaga brasílica cited by Ferreira, four elements were identified that were used for these dysfunctions. At the same time, the similarity between their use and the substitutions made by the surgeon in altering the old recipes, due to the new context and flora available in the New World, is noted. These elements are: rue, wine, butua and purga de rom. Portuguese medical institutions still reproduced and promoted the circulation of medicinal knowledge for women's illnesses based on the Hippocratic-Galenic theory.

Keywords: Medicine. Plants. Uterine dysfunctions.

INTRODUÇÃO

No *Erário Mineral* (1735), um manual de medicina escrito pelo cirurgião Luís Gomes Ferreira, são documentadas diversas situações que detalham o cotidiano de mulheres negras na Colônia Mineira, com especial ênfase nas intervenções médicas realizadas para o tratamento de disfunções uterinas no contexto do século XVIII. Há um excerto que relata o caso de uma mulher negra, que “estando como quem unha o juízo perdido, com dores insuportáveis por lhe não vir a conjunção” é dado a ela “um frasco do medicamento desobstruente e uma purga de rum, com o que lhe veio o sangue e ficou sã” (Ferreira, 2002, p. 309, In: Furtado, 2002).

O tratamento descrito – a administração de um desobstruente e uma purga de rum – visava restaurar o equilíbrio dos humores. Portanto, fundamentada na Teoria dos Humores. Este século é caracterizado por um período de transição na história da medicina, com muitos avanços em emergência. Este tratamento, no entanto, ilustra que apesar de algumas mudanças progressivas, muitas práticas tradicionais ainda persistiam na medicina da época. Essa continuidade das tradições pode ser observada em outros tratados e manuais médicos do período (Poletto, 2011, p. 203).

É devido a isso que o estudo de períodos transitórios exige que seja feito um levantamento de elementos precedentes ao contexto analisado, ao lado das ressignificações que acabam surgindo. O século XVIII se enquadra nessa

condição. Isso é preciso devido às permanências epistemológicas do período da Antiguidade, que ainda regiam os estudos sobre anatomia e fisiologia feminina, bem como o conceito de doença no século XVIII (Calainho, 2006, p. 213, In: Costa, 2006).

A tradição escolástica da medicina portuguesa, baseada historicamente na reprodução dos paradigmas defendidos pelos autores do período clássico, influenciou na sobrevivência temporalmente alargada das ideias de Hipócrates e Galeno em suas instituições médicas e nas práticas terapêuticas elegidas pelos médicos em Portugal durante parte significativa do período moderno (King, 2011, p. 207).

Luís Gomes Ferreira, um cirurgião português ativo na Colônia Mineira durante a primeira metade do século XVIII, buscou compartilhar suas experiências e métodos terapêuticos através da publicação de sua obra *Erário Mineral* (1735), que compila doze tratados sobre práticas médicas e tratamentos (Ferreira, 2002, In: Furtado, 2002). Sua obra é importante como fonte documental porque foi por meio de sua experiência prática documentada (Furtado, 2002, p. 6, In: Furtado, 2002) que foi possível delinear os conceitos de saúde e doença que fundamentavam suas práticas médicas. A obra também elucida os tratamentos administrados e o uso das ervas locais empregados pelo autor (Furtado, 2002, p. 6, In: Furtado, 2002).

Ao compararmos o conteúdo escrito na obra "*Erário Mineral*" (1735) do cirurgião Luís Gomes Ferreira com o tratado médico do século V a.C., "*Da natureza da mulher*" de Hipócrates, percebemos que as concepções sobre as disfunções uterinas e o tratamento delas se mantiveram praticamente inalteradas ao longo dos séculos (King, 2011, p. 207).

Antes de analisarmos as semelhanças e diferenças nas descrições dessas duas fontes, é necessário levar em conta alguns aspectos relevantes. Inicialmente é importante sublinhar que a produção da realidade dos europeus perpassava uma ontologia pautada em analogias (Foucault, 2000, p. 45). Esse conceito proposto pelo filósofo francês Michel Foucault em sua obra "As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas" (2000), aplicado em nossa pesquisa, indica que as analogias mostram a identificação de similitudes no uso

de plantas específicas para tratar doenças femininas, e essa estratégia era estruturalmente parte do pensamento europeu (Foucault, 2000, p. 45).

Entendemos que ainda que o contato com o Novo Mundo, no século XVI, tenha desencadeado várias crises, forçando-os a repensar padrões historicamente consolidados de compreensão do mundo e seus fenômenos, as formas de criar interpretação e compreensão acerca das coisas se mantém na instrumentação cultural dos europeus (Papavero; Llorente-Bousquets; Espinosa-Organista, 2001, p. 43 – 47). Isso está intrinsecamente relacionado com as concepções médicas europeias sobre o funcionamento do corpo feminino, que incluíam a ideia de que a histeria era uma doença do útero, refletindo, assim, a compreensão originária de Hipócrates (King, 2011, p. 211).

A partir de textos gregos, podemos evidenciar que o entendimento do corpo feminino foi alcançado examinando as semelhanças nas características anatômicas masculinas, conforme observado pelos físicos Hipócrates e Galeno em (Bellini, 2003, In: Matos e Soihet, 2003; Laqueur, 1990, p. 10; King, 2005, p. 2). Em “Galen, on the Usefulness of the Parts of the Body XIV.6.” Galeno escreve que todas as partes que o homem tem, a mulher tem. A diferença está em saber que nas mulheres as partes estão para dentro, e nos homens estão para fora (Fantham, et al, 1994, p. 1994).

Para apoiar os argumentos, a estrutura do presente artigo seguirá a seguinte configuração: apresentaremos informações sobre o conhecimento acerca das plantas que eram consideradas benéficas para o tratamento de várias doenças. Para isso, é importante analisar a organização da História Natural na Europa Ocidental no século XVIII, pois a partir desse contexto foi possível identificar quais plantas e ervas eram utilizadas na América Portuguesa para tratar doenças femininas (Furtado, 2002, p. 6, In: Furtado, 2002). O último ponto a ser destacado será a triaga brasílica. Foi a partir dessa panaceia que conseguimos realizar a análise comparativa entre as duas fontes documentais, pois ela nos permitiu identificar as semelhanças e as diferenças no uso dos componentes, entre os dois documentos.

1. CIRCULAÇÃO DE SABERES: PLANTAS E MEZINHAS

O conhecimento médico em Portugal, estendido para a América portuguesa durante o seu processo de colonização europeia, tem no período do renascimento uma página importante de sua história. Mas também há autores como Aristóteles, Teofrasto, Galeno e, especialmente Dioscórides e Plínio que passaram, gradativamente, a ocupar um espaço central no referencial teórico médico institucional em Portugal (Calainho, 2006, p. 213, In: Costa, 2006).

Dentro desse contexto, constata-se uma acelerada difusão de herbários e de publicações que tratavam sobre a propriedade medicinal e terapêutica dos três domínios naturais: vegetal, animal e mineral. Tal conhecimento era fruto da herança clássica e medieval, sendo subdivididos e adaptados ao contexto da modernidade (Eduardo, 2023, p. 218). Essa prática influenciou duas áreas de conhecimento, a botânica e a farmácia, que "também imprimiram sua marca na história da medicina" (Calainho, 2006, p. 213, In: Costa, 2006).

Na esteira das grandes navegações e como consequência da ampliação do comércio ultramarino realizado com a Ásia, África e as Américas, o comércio de drogas e especiarias, a partir do século XVI, estimulou um novo tipo de consumo alimentício, farmacológico, olfativo e sensorial, devido à nova interligação entre a Europa e o continente considerado novo por eles (Badinelli, 2018, pp. 108-109). De acordo com o historiador da alimentação britânico Andrew Dalby, em sua obra "Dangerous Tastes: The Story of Spices" (2000), ao longo desse processo, Portugal abarrotou os seus navios com muitos artigos, como noz-moscada, ópio, cravo, gengibre, tabaco, açúcar, café, chá, chocolate e muitas plantas terapêuticas. Isso devido ao prazer que proporcionam, a saúde que traziam e a ganância que despertavam (Dalby, 2000; pp. 7; 22; 50; 55; 135; 140).

Podemos perceber a importância dada às plantas e animais nesse contexto de colonização por meio das fontes documentais produzidas por viajantes, colonizadores e clérigos, a exemplo do alemão Hans Staden[4]

[4] Hans Staden foi um viajante alemão do século XVI. Por duas vezes, Staden esteve no Brasil, onde participou de combates nas capitanias de Pernambuco e de São Vicente contra navegadores franceses e seus aliados indígenas e onde passou nove meses escravo dos índios tupinambás. Ele foi uma testemunha ocular e cativa dos indígenas Tupinambás, onde sua experiência figura uma experiência do ritual antropofágico (Whitehead, 2000, p. 721).

(Whitehead, 2000, p. 721), em 1557, assim como na obra do senhor de engenho português Gabriel Soares de Sousa (1540-1591) chamado "Tratado descritivo do Brasil" de 1587. Esse último descreveu com grande detalhes a geografia e a flora da região do Recôncavo Baiano e as plantas medicinais utilizadas pelos indígenas (Calainho, 2006, p. 216, In: Costa, 2006). Durante esse período, os compostos utilizados em boticas e mezinhas vinham de Portugal, mas devido à pouca frequência com que chegavam por via marítima, bem como as eventuais perdas por deterioração, os agentes de cura se voltaram para os recursos naturais da América Portuguesa, embora seja um pouco mais complexo do que isso (Calainho, 2005, p. 66).

A circulação de produtos da fauna e flora, portanto, se intensificou a partir do comércio que foi inaugurado com as novas expansões, algo que influenciou um intercâmbio de plantas medicinais o Novo e o Velho Mundo (Sandman, 2008, p. 44). Os jesuítas foram notáveis agentes nesse novo campo de atuação, não somente identificando várias espécies, mas também cultivando as que possuíam efeitos terapêuticos ou curativos. Essa ordem religiosa se dedicou a estudar e catalogar diversos males que assolavam a população colonial, organizando o conhecimento, classificando e explicando sua finalidade (Silva, 2023, pp. 123-124). Na composição das propriedades, o principal mecanismo de definição das características de vegetais inéditos se dava pelo uso dos órgãos do sentido[5] (Le Breton, 2009, p. 45).

Durante o advento da ilustração, as drogas advindas da América portuguesa receberam ainda mais atenção (Meirelles, 2017, p. 140). Entre as características do processo iluminista do século XVIII, propiciou uma nova dinâmica no relacionamento do homem com a natureza, inspirado pelo exercício contínuo da razão. Esse exercício resultou em muitas obras como a "Enciclopédia ou Dicionário racionado das ciências, das artes e dos ofícios, por uma sociedade de homens de letras", da autoria de autores famosos como Diderot e D'Alembert, publicados entre 1751 e 1780 (Calainho, 2006, p. 219, In: Costa, 2006).

[5] Isso significa que os europeus faziam uso dos sentidos, como visão, tato, paladar como uma espécie de estratégia, na elaboração das descrições e compreensão da fauna e flora (Le Breton, 2009, p. 45).

Durante o século das Luzes a influência da Igreja era marcante, moldando as expressões culturais e intelectuais do país (Viana, 2008, p. 27). Atrelado a isso, também houve a questão da inquisição que perseguiu diversos intelectuais portugueses e espanhois, muitos de origem judaica, fazendo com que vários, para fugir das fogueiras e dos processos inquisitoriais, fugissem para outros países, como Inglaterra, Holanda e França (Miranda, 2017, pp. 84-85).

Salienta-se que o ensino de farmácia na Universidade de Coimbra possui dois períodos distintos demarcados pela reforma pombalina. O segundo momento do ensino da farmácia em Coimbra destaca-se principalmente em face da estrutura até então existente na educação dos aspirantes boticários (Santos; Custódio, 2020, p. 412). Mas mesmo após a reforma "há referência contínua ao Galenismo", ocorrendo a convivência de perspectivas diferenciadas no saber médico (Age, 2014, p. 22). Contudo, a arte de preparar remédios foi normatizada com as reformas do 1° Marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Melo, onde em 1797 foi proposto que elaborasse a primeira farmacopeia oficial do reino por Alvará de D. Maria I (Calainho, 2006, In: Costa, 2006).

É na segunda metade do século XVIII que surgem, na América Portuguesa, as primeiras academias inspiradas nas já existentes em Portugal. Elas congregaram padres, magistrados, funcionários graduados da Coroa, bachareis, assim como senhores de engenho letrados e alguns poucos físicos e cirurgiões (Miranda, 2017, p. 73). O conhecimento médico foi hibridizado pelas práticas locais e a da metrópole, e certamente ocorreram mudanças na produção e compartilhamento do conhecimento. Apesar das transformações, os paradigmas clássicos ainda governam parte significativa do conhecimento médico, sendo eles os aforismos de Hipócrates e Galeno (Ferreira, 2002, In: Furtado, 2002).

No que diz respeito às estratégias empregadas nessas práticas, Ferreira fez uso de um sistema de compreensão do processo de doença e cura baseado na simpatia e antipatia. O próprio cirurgião definiu a ideia desse conceito. Para ele a simpatia pode ser entendida como "uma certa amizade, conformidade e inclinação, que têm umas coisas com outras, conformando-se, buscando-se, abraçando-se e amando-se, como vemos no azougue com o ouro" ou "na pedra

de cevar com o ferro" (Ferreira, 2002, p. 382, In: Furtado, 2002; Guimarães, 2005, pp. 502-503). Já a antipatia é definida como "uma certa inimizade, repugnância, aversão e discórdia, [...]" como é o caso das "couves com as purreiras". Como Ferreira é diretamente influenciado pela influência médica de Galeno, esse absorveu esse conceito e aplicou em suas práticas de cura (Ferreira, 2002, pp. 382-383, In: Furtado, 2002).

2. TRIAGA BRASÍLICA (*THERIAKE*): UMA PANACEIA, UM ANTÍDOTO UNIVERSAL

A história das triagas perde-se no tempo, por isso torna-se difícil precisar as fontes documentais sobre quem inicialmente fala a respeito dela, ou mesmo em que período histórico elas se originaram. A própria origem do termo ainda deixa dúvidas etimológicas (Dias, 1991, p. 447). Entretanto, a maior parte dos autores considera que o termo se originou do grego *theriake* e do latim *theriaca*. A tese inicial que se dá sobre as triagas é de que se constitui como um antídoto contra mordida de serpentes e contra venenos de uma forma geral, esse aspecto é o que sempre permeia sua função (Santos, 2009, p. 62).

Ao longo do tempo, todavia, elas se tornaram uma espécie de remédios universais, as chamadas panaceias. Em acréscimo aos seus componentes originais, são acrescidos itens do Novo Mundo ao longo do processo de colonização europeia do território, particularmente com o advento dos jesuítas no território, implicando um procedimento sistemático de escolha, substituição e incorporação à fórmula. Esse processo seguiu critérios complexos, em vez de mera casualidade, alterando consequentemente as fórmulas originais (Brandão, et al, 2012, p. 488). Como veremos, o que Ferreira realizou em suas panaceias também foram resultados das experiências iniciadas pelos jesuítas (Wissenbach, 2002, p. 112, In: Furtado, 2002).

Em 1549 os padres da Companhia de Jesus perceberam a necessidade de remédios para a preservação da saúde dos colonos, dos indígenas e negros cativos na América Portuguesa (Leite, 1993, pp. 91-92). Os jesuítas foram, pouco a pouco, se inteirando da fauna, flora e minerais do Brasil, principalmente por

intermédio dos povos originários, aliada a tradição histórica de revisitar as obras dos antigos físicos gregos. Esse processo cultivou a habilidade acadêmica de tratamentos médicos híbridos, que aliavam diferentes tradições médicas, associando espécies terapêuticas e remédios de diferentes partes do globo, exemplificada pela criação da triaga colonial (Santos, 2009, p. 55).

A nova triaga da Era Moderna era advinda do colégio da Bahia e dependia da fórmula da teriaca de Andrômaco[6] (Leite, 2012, p. 4). Como foi retomado anteriormente, acerca da História Natural do século XVI, o processo de criação dos medicamentos na Europa, desde a segunda metade do século XVI, seguia o timbre do imitatio humanista, isto é, recuperação de princípios da Antiguidade, como o uso do latim. O que aconteceria no Brasil não seria diferente (Garin, 1996, p. 102).

Segundo a tradição clássica, Andrômaco o Velho[7], que era físico de Nero, adquiriu conhecimento da fórmula que, desde o início, consistia em utilizar os trociscos ou pastilhas de víbora (tido como a base principal do medicamento) e o ópio, resultando no desenvolvimento de um novo remédio composto de 62 elementos: a Teriaca ou, em latim, Theriaca (Leite, 2012, p. 4). Esses trociscos também são encontrados na receita de Ferreira. Ele escreve que o "medicamento cuja base são os trociscos de víbra" é a triaga (Ferreira, 2002, p. 802, In: Furtado, 2002).

A receita do remédio foi documentada no verso composto por Andrômaco, posteriormente transcrito por Claudio Galeno em sua obra De theriaca ad Pisonem. Após sua tradução para o árabe durante a era medieval e seu posterior lançamento em língua latina no século XVI, essa fórmula circulou entre médicos

[6] Trata-se de uma das lendas mais famosas da Antiguidade, de acordo com Tim Low e outros pesquisadores, na obra *Reader's Digest magic and medicine of plants* (1994). Ao citarem "O Commentario della Farmacopea Italiana e dei medicamenti in generale", encontrarm uma descrição onde diz que a triaga é o "[...] antidoto di Andromaco, derivato dal mitridato", "[...] (Guareschi e D'Itali, 1923, p. 98, In: Low, et. al. 1994).

[7] Andrômaco, o Velho, encontrou registos do rei Mitridático e se apropriou deles, cerca de um século depois de sua morte. De acordo com os registros, o rei Mitrídate VI do Ponto (132 a. C.-63 a.C.) era obsessivo com a morte pelo envenenamento, por isso inoculava em seu próprio corpo doses gradualmente pequenas para sua imunização e, além disso, passou a buscar conhecimento sobre o uso de ervas da região do Ponto, criando, assim, diversos antídotos contra os venenos. Após sua morte, essas suas receitas escritas a mão, teriam sido encontradas por Pompeu e, finalmente, por Andrômaco (Leite, 2012, pp. 4-6; Mozzato, 2013, p. 172).

em toda a Europa até o início do século XIX. Apenas ao longo desse período que deixou de ser usual o uso desse composto médico (Leite, 2012, p. 5)

A receita de Andrômaco, composta de 62 ingredientes, conta com a presença de pílulas de víbora, feita com o pó da carne da serpente, do ópio (*maeconis*) e vários componentes derivados de minerais como cobre, bem como fontes de origem vegetal e animal, incluindo castóreo (Leite, 2012, p. 5). A lista dos ingredientes foi organizada pelo pesquisador Bruno Martins Boto Leite[8] a partir do poema de Andrômaco e transcrição de Galeno (Leite, 2012, p. 5).

Conseguimos ter uma melhor compreensão sobre as modificações observando a formulação da triaga do poema de Andrômaco para a receita da triaga brasileira durante o período colonial. Nessa foi utilizada a tabela fornecida pela *Colleção*[9], composta precisamente por 58 ingredientes: 4 ingredientes a menos em comparação com a teriaca anterior (Leite, 2012, p. 11). A partir dessas informações conseguimos verificar o que compunham essa receita tão conhecida entre os médicos, ao longo de muito séculos. Agora cabe discutirmos acerca dos elementos citados por Hipócrates em *Da natureza da mulher*, que constam na triaga brasílica, descrita na obra *Erário Mineral* (1735).

3. REMÉDIOS PARA OBSTRUÇÕES FEMININAS: UMA COMPARAÇÃO ENTRE AS FONTES *ERÁRIO MINERAL* (1735) E *DA NATUREZA DA MULHER*"

Nossa análise comparativa dos elementos utilizados por Hipócrates e Ferreira no tratamento de disfunções foi fundamentada na receita da triaga brasílica. Para além dessa análise, será feito uma breve apresentação da origem e seu efeito terapêutico.

Para exemplificar essa associação, iremos analisar mais profundamente

[8] Desenvolveu estudos extensos sobre as Artes de curar nos colégios jesuíticos do Brasil, entre os anos 1572 e 1759, tendo organizado uma tabela relativamente completa acerca dos ingredientes que compunham a triaga brasílica (Leite, 2012, p. 5).

[9] A *Colleção de várias receitas e segredos particulares dos principaes boticas da nossa Companhia de Portugal, da India, de Macao, e do Brasil* faz parte de um manuscrito escontrado por um padre chamado Serafim Leite e publicada por ele posteriormente em 1953 (Leite, 2012, p. 11).

o uso de quatro itens terapêuticos. Realizaremos essa comparação em duas etapas: primeiro iremos trabalhar os ingredientes presentes na triaga brasílica, apresentando os mesmos componentes utilizados tanto por Ferreira quanto por Hipócrates. Esses componentes presentes são: **a arruda e o vinho**. No segundo momento iremos apresentar os componentes que estão ausentes no tratado de Hipócrates, como via de demonstrar as adições e substituições que Ferreira realiza, devido ao contexto e nova flora disponível no Novo Mundo. Esses componentes ausentes, que foram adicionados pelo cirurgião, são: **a butua e a purga de rum.**

Hipócrates citou o uso da **arruda** *(Ruta gravelolens)* no tópico 12, no tratamento da "flegmasia uterina", também conhecida como erisipela, em "*Da natureza da mulher*". Ela é citada no tratado do físico como uma doença que causa inchaço nos pés, pernas, costas e barriga. Contra essa doença ele recomenda que a mulher tome bebidas para não abortar, se abstendo dessa forma de comer ingredientes salgados como tomilho, orégano e beber chá de arruda (Hipócrates, In: Carrat, *et al,* 1851).

A arruda foi usada por Ferreira para trazer excretos da fonte onde ela é utilizada (Ferreira, 2002, p. 680, In: Furtado, 2002). Essa planta é definida por Ferreira em *Erário Mineral*, no "Índex: das coisas mais notáveis que se contém neste livro" como um "remédio antpático das sezões [...]. Nas pessoas que hão de ter filhos será em menor quantidade, porque extingue o sêmen" (Ferreira, 2002, p. 713, In: Furtado, 2002).

O cirurgião português explica como usar a arruda na receita "Do Tratado II- Capítulo I- Das obstruções", para fazer descer a conjunção (menstruação). Em sua compreensão ela é uma planta que "faz promover o sangue mensal e alimpar a madre". Explica que são necessárias "duas partes do sumo de artemija e uma de sumo de arruda com uns pós de açúcar". Deve-se tomar esse remédio em estado morno, a doente estando em jejum, na parte da tarde. Assim, (Ferreira, 2002 p. 289, In: Furtado, 2002).

Podemos afirmar que o efeito abortivo da arruda, pelo que podemos notar, já era conhecido há séculos por Hipócrates e, posteriormente, pelas populações indígenas do Novo Mundo. Esses últimos utilizaram esse recurso botânico para

fins de controle de reprodução. Isso representa uma percepção que Ferreira adquiriu das interações com os sertanistas e ameríndios (Wissenbach, 2002, p. 116, In: Furtado, 2002).

A *Ruta graveolens* é uma planta aromática, perene, de crescimento contínuo, lenhosa ao longo do tempo e que faz parte da família botânica Rutáceas, cujas flores são amarelas e agrupadas em umbelas. Ela costuma surgir durante a transição da primavera para o verão (Lima, 2018, p. 21). Essa planta é oriunda do Mediterrâneo e da Ásia Menor. Elas, geralmente, crescem espontaneamente em lugares pedregosos, matagais e solos secos (Cardoso; Encarnação, 2010, p. 3).

A aclimatação das plantas europeias no Brasil, realizada pelos jesuítas, simbolizou uma rica troca de conhecimentos entre culturas. No caso da arruda, uma planta que veio da Europa setentrional, ela foi usada pelos boticários e cirurgiões europeus como remédios para diversos tipos de doenças (Fagundes, 2016, p. 142). Ao que diz respeito às suas propriedades medicinais, a arruda tem o efeito calmante, o que, quando aspirada, pode aliviar dores e ansiedade (Orlanda, 2011, p. 10).

Até hoje é muito usada na medicina popular brasileira, pois é vista como uma planta estimulante, emenagoga, auxiliar no tratamento de varizes e flebite. Além disso, ela aumenta a resistência dos capilares sanguíneos com a rutina, um dos seus principais ativos mais fortes. A planta também é comumente usada para restabelecer ou aumentar o fluxo menstrual, pois é emenagoga (Castro, 2006, p. 25). Na compreensão científica, sabe-se que ela possui em sua composição um óleo essencial que é muito rico em substâncias voláteis, composto por undecanona, metilnonilcetona e metilheptilcetona. Todas essas substâncias possuem propriedades calmantes (Lima, 2018, p. 27).

Outro aspecto a ser explorado sobre essa planta é que, por ser uma erva utilizada em cerimônias dos povos africanos, ela carregava o estigma associado

ao feitiço[10]. Cirurgiões como Antônio Mendes[11] se valeram do uso da arruda, ou mesmo da triaga que inclui a erva, em inúmeras de suas receitas. No caso de Ferreira, ele administrou uma "fomentação com óleo feito de arruda e de alecrim" para os negros escravizados que sofriam de "escarros de sangue" (Wissenbach, 2002, p. 144; Ferreira, 2002, 263, In: Furtado, 2002). Mas, o que nos interessa saber, esse espécime botânico teve amplo uso no tratamento de obstruções uterinas nas mulheres residentes na Colônia (Ferreira, 2002, p. 289, In: Furtado, 2002).

Assim como a arruda foi e tem sido utilizada ao longo da história como um remédio popular para tratar doenças, dentre outros usos, o vinho também desempenhou um papel significativo. Desde a Antiguidade o vinho se apresenta intimamente ligado à medicina, sendo uma das prescrições mais longevas da medicina tradicional. Considerado um remédio capaz de beneficiar tanto o corpo quanto a alma. Os gregos consumiam o vinho integrado na sua dieta, mas também como medicamentos. Desinfectava feridas e era um meio de imersão de diversas ervas (Seiça, 2018, p. 193, In: Soares; Ribeiro, 2018).

Não cabe aqui elencar todas as vezes que Hipócrates cita seu uso em "*Da natureza da mulher*", mas a exemplo do tópico 32, são mais de cinquenta vezes que ele o cita, sempre como líquido final no preparo das receitas (Hipócrates, In: Carrat, *et al,* 1851). Hipócrates prescrevia dietas com alimentos emolientes e frios, como vinho branco diluído em água, proibindo o banho ou o coito, para disfunções uterinas como queda do útero (Hipócrates, In: Carrat*, et al,* 1851). O físico explica que para provocar a descida do sangue era necessário pegar uma pimenta sem casca, misturá-la com um remédio para os olhos (mel, água e rosa) e bater esses ingredientes em vinho velho, para diluir. Ao final, deveria colocar em um pessário e aplicar na vagina da mulher (Hipócrates, In: Carrat, *et al,*

[10] A pesquisadora Mary Karasch, em sua pesquisa acerca da "vida dos escravos" no Rio de Janeiro do século XIX, destaca o papel da arruda como um amoleto de proteção e "de contato com o outro mundo" (Karasch, 2000, p. 377-378). Isso porque a arruda é presente em diversos rituais nas diversas crenças de religiões afro-americanas, sendo útil na preparação de "defumadouros" (Lody, 2003, p. 290).

[11] Antônio Mendes era um cirurgião português, que permaneceu na América Portuguesa por 35 anos, durante o século XVIII. O cirurgião alcançou cargos de prestígios na colônia que dificilmente alcançaria se estivesse no reino (Ribeiro, 2005, p. 64).

1851).

Partindo para o *Erário Mineral*, na receita da triaga, Ferreira também cita o uso do vinho, em grande quantidade, misturando-o a folhas de arruda para o tratamento de mordeduras de víbora e cobras venenosas (Ferreira, 2002, pp. 681-682, In: Furtado, 2002). Observa-se que, segundo a percepção de Ferreira, se uma mulher entrasse em uma adega durante o período menstrual, isso resultaria na deterioração do vinho. No entanto, em outras situações, a bebida era empregada como um componente no tratamento de obstruções uterinas (Ferreira, 2002, pp. 308-309, In: Furtado, 2002).

Com base nos princípios da simpatia e antipatia, Ferreira selecionou o vinho para concluir sua mistura, pois acreditava que, por ser um líquido intenso, ele poderia provocar uma aversão ao humor que permanecia estagnado em seu corpo. Nessa perspectiva, sustentava-se a ideia de que forças invisíveis governavam os desejos das partes, e, nessa situação, o vinho exerceria sua influência por meio da antipatia (Pessoa Junior, 2009, p. 58; Guimarães, 2005, pp. 502-503).

O que fica evidente é a circulação de saberes medicinais, que atravessaram séculos, se religando a novas noções e sistemas de entendimento acerca da saúde, na América Portuguesa. Esses novos saberes tratam da nova flora encontrada na América portuguesa. Isso significa que, o conceito de simpatia e antipatia encontrado em Erário por Ferreira, existia desde o século II a.C., sendo encontrado em diversas obras de Galeno. Esse físico afirmava que a simpatia era transmitida pelos nervos, humores e vapores, ou pelo contato com outros componentes (Coelho, 2002, p. 160, In: Furtado, 2002).

A abutua integrou essa nova flora, sendo considerada uma alternativa ao uso da arruda, entre outras opções. A Abútua s.f. variante butua (*Chondodenderon platyphyllum*), é uma planta trepadeira nativa, de caule lenhoso, cuja raiz e caule são utilizados como diurético, emenagogo e febrífugo. Emprega-se ela internamente na hidropisia e cálculos, e externamente como resolutivo nas orquites (Silva, 2022, p. 101). Ela aparece em uma tabela de plantas medicinais do médico português João Curvo Semedo (1635-1719), uma espécie de memorial que estava acompanhado na obra "Polyanthea Medicinal". A butua estava nessa lista porque ela está entre a nova flora que ficou conhecida após as conquistas ultramarinas. A partir do conhecimento acerca de suas propriedades medicinais, as boticas do Reino de Portugal passaram a vendê-la (Lourenço, 2016, p. 126).

O Memorial em questão era um anexo da obra. Foi impressa junto com a Polyanthea. Esse tipo de adição era muito comum em obras portuguesas do século XVIII. O nome desse anexo é "*Memorial de vários símplices que da India Oriental, da América e de outras partes do mundo vem ao nosso Reyno para remédio de muitas doenças, na qual se acharão as virtudes de cada um, e o modo com que se devem usar*" (Lourenço, 2016, pp. 126-127). A planta aparece na lista como "Raíz de Butua" e na origem se coloca "Reino da Butua" (Lourenço, 2016, p. 128).

Por outro lado, entre 1745 e 1748 o cirurgião e memorialista Inácio Caetano Xavier situa que ela teria sua origem em Moçambique, África Oriental. Ao estar em Moçambique, incluiu a raiz de butua na lista de raízes admiráveis e contesta que ela fosse a parreira-brava do famoso médico português João Curvo Semedo. Para Xavier, a butua correspondia a uma planta mutamba, uma variedade da nuzarupa (Rodrigues, 2013, p. 100, In: Nodari; Correa, 2013). Por meio dessas informações depreendemos que essa planta, de fato, foi levada das terras além-mar para seu uso, no reino de Portugal (Lourenço, 2016, p. 128). Em mais uma evidência, a abútua ('butua' no texto francês) aparece da Revista da Greenme Brasil no ano de 2021, revista que é especializada em meio ambiente e vida saudável. Nela é indicado que se trata de um cipó nativo da mata atlântica brasileira. Ela foi usada por indígenas e caboclos para diversos tratamentos, incluindo a malária. Mas devido a sua toxicidade foi substituída pelo quinino e outras plantas. Além disso, da butua também se fazia o curare, um veneno que os indígenas usavam para pescar e caçar, pois ele paralisava o animal (Torres; Thomé, 2023, p. 90).

A raiz de Butua era reconhecida por Ferreira por sua significativa eficácia no tratamento de apostemas internos, com a etapa inicial envolvendo a preparação de uma decocção usando a raiz machucada. Este remédio tradicional é altamente estimado por suas propriedades únicas em desfazer tais doenças. Quando combinado com a raiz de capeba durante o processo de cozimento, conforme sugerido por Ferreira, acredita-se que a eficácia do remédio seja ainda mais aprimorada (Ferreira, 2002, p. 675, In: Furtado, 2002). Ferreira explica que bebendo a água dela bem cozida serviria para "lançar as páreas, ou lhe não correr o parto, ou tiver faltas na sua conjunção" (Ferreira, 2002, pp. 675, In: Furtado 2002). Além disso, ele cita no "Tratado XI: Dos venenos", apresentando como uma receita para o fígado e chagas (Ferreira, 2002, pp. 676-677, In: Furtado, 2002).

O cirurgião descreve que a planta possui muitas virtudes medicinais e que precisaria de um livro inteiro para explicar todos os diferentes modos de se aplicar e usá-la. Ele segue escrevendo que o pó dela "serve para apostemas ou abcessos interiores, para o pleuris, para pancadas ou quedas, para desinchar toda sorte de tumor, etc" (Ferreira, 2002, p. 778, In: Furtado, 2002). Assim, ela aparece diversas vezes na obra, sendo bastante aplicada em ateromas, esteatomas e melicéris, chamados por Ferreira como "tumores duros" (Ferreira, 2002, p. 383, In: Furtado, 2002).

Essa raiz resultava, então, em um remédio de cozimento para inúmeras moléstias, considerando que o objetivo final de seu uso é esquentar os humores e fazê-los circular (Ferreira, 2002, 253, In: Furtado, 2002). A butua sendo usada para as "purgações da madre" e "para toda sorte de venenos" é algo que nos faz refletir sobre o teor desses remédios produzidos, não só por Ferreira, mas por vários outros médicos e agentes de cura informais (Ferreira, 2002, pp. 676-678, In: Furtado, 2002).

Deve-se sublinhar que a butua foi, então, uma planta que, pela similitude dos efeitos, por exemplo, com a arruda, foi uma alternativa adotada por Ferreira para o tratamento das disfunções uterinas das mulheres da Colônia. Pela analogia (Foucault, 2000, p. 45), o cirurgião realizou alterações nas antigas receitas medicinais gregas, para atender as necessidades de seu contexto, contando com uma nova flora disponível (Ferreira, 2002, In: Furtado, 2002).

No caso do vinho, a purga de rum se destacou como uma alternativa acessível encontrada no Novo Mundo. Assim como a Triaga Brasílica, a purga de rom (rum) também consistia em um conjunto de ingredientes para se chegar a um remédio completo final. No caso da purga, era uma espécie de mistura entre ervas e uma bebida com alto teor alcoólico, como o rum ou o vinho (Ferreira, 2002, p. 309, In: Furtado, 2002). As práticas de aborto conhecidas na Colônia mineira no século XVIII, exercidas pelas curandeiras e parteiras, consistiam em usar o vinho fervido com uma erva potencialmente abortiva, pois se acreditava que isso poderia intensificar o efeito do composto (Venâncio, 2004, p. 205, In: Del Priore, 2004).

Por outro lado, alguns médicos e cirurgiões prescreviam um cauteloso regimento para os tempos de conjunção das mulheres. Dentre as receitas indicadas, situamos a do médico Antônio Ferreira (1616-1679), onde esse prescreve que seria necessário evitar coisas azedas, como vinagre e frutas verdes, pois impediam a purgação. Ele alerta que o vinho deveria ser usado somente como medicamento, mas nunca como alimento (Del Priore, 2004, p. 105, In: Del Priore, 2004).

O que se percebe é que o rom, ou rum, foi uma alternativa que Ferreira encontrou na Colônia, para substituir o vinho. Ele indica, por analogia que, como as bebidas eram altamente alcoólicas, os efeitos eram semelhantes. Ambos poderiam agir nas mezinhas com resultados parecidos. Essa estratégia, que parte de decifrar as similitudes, como observado, também foi usada na escolha das novas plantas e ervas no Novo Mundo (Ferreira, 2002, p. 309, In: Furtado, 2002; Foucault, 2000, p. 45).

A purga de rom foi mencionada por Ferreira no "Tratado II: Das obstruções". O cirurgião está ciente que a função desse remédio é de expelir humores viciosos, aonde volta-se novamente para a Teoria dos Humores (Ferreira, 2002, p. 289, In: Furtado, 2002). Ele tratou uma mulher que se encontrava com o juízo perdido por não lhe vir a conjunção. Logo, preparou um "um frasco do remédio desobstruente que fica dito na cura das obstruções", serviu a purga e logo a mulher voltou a ficar sã (Ferreira, 2002, p. 309, In: Furtado, 2002).

A ideia de purgar ou a ação de purgação pode ser encontrada em praticamente todas as fontes documentais trabalhadas até aqui. Primeiro porque a menstruação já era entendida como uma espécie de purgação do corpo feminino, que lança para fora o sangue considerado então como supérfluo, venenoso ou inútil (Martins; Silva; Mutarelli, 2008, p. 19). Segundo que as substâncias conhecidas como purgantes tinham essa finalidade, de expelir todo o humor em excesso do corpo que estava ocasionando a doença e mal-estar (Porter; Vigarello, 2008, p. 443, In: Corbin, Courtine, Vigarello, 2008). Portanto, a purga de rom pode ser compreendida como uma panaceia que está atrelada diretamente à lógica da Hipocrático-Galênico (Read, 2010, p. 27; 37).

O uso de purgativos foi descrito também por Hipócrates e Galeno. Galeno constata que nas Sentenças Cnidianas usavam-se perpetuamente purgantes, assim como Hipócrates os prescreve no Regime das doenças agudas. Em "*Da natureza da mulher*" Hipócrates indicou o uso de purgativos para tratar hidropsia no útero, ataque histérico, obliquidade do útero, para lóquios fluindo mal, para ar desenvolvido no útero e leucorreia, para inclinação a esquerda do útero, dentre outras disfunções femininas (Hipócrates, In: Carrat, *et al,* 1851).

O uso de vinho em purgantes recomendados por Hipócrates exibiu um padrão de recorrência. Podemos analisar certos aspectos delineados em um tópico em "*Da natureza da mulher*", fazendo referência ao tratamento de ataque histérico. Neste tópico ele escreve que se o útero vai em direção ao estômago, recomenda-se que a mulher consuma uma mistura de vinho, juntamente com fumigações fétidas para o nariz e aromáticas para o útero, com o objetivo de facilitar o reposicionamento. O emprego do vinho era tipicamente concomitante com a utilização de substâncias fitoterápicas para fumigação (Hipócrates, In: Carrat, *et al,* 1851). Podemos perceber o uso da simpatia aqui, pois o vinho é usado para provocar a saída do útero no estômago (Ferreira, 2002, p. 382, In: Furtado, 2002).

No contexto da Colônia, muitos remédios abortivos, utilizados na região de Minas Gerais, não estavam somente em forma de chás, existia também duchas ou seu uso intra-vaginal, o que era conhecido pelas chamadas chapoeiradas[12]. Elas eram procedimentos tradicionais que combinavam diversas ervas e caldos, dentre eles a fervura de vinho, um preparo que é semelhante ao da purga de rom, citado nos tratados de Ferreira (Leal, 1995, pp. 23-24). Esse conhecimento terapêutico nessas sociedades tradicionais seria transmitido pela oralidade, geração após geração (Santos; Santos; Ramos, 2017, p. 26).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a pluralidade da História das Ciências, a circulação dos

[12] As chapoeiradas eram uma espécie de chás abortivos tradicionais, chapoeiradas, que são feitas pela concentração de ervas em cachaça ou em vinho (Leal, 1995).

saberes e práticas medicinais acabam por tributar ao seu conhecimento. Uma das descobertas mais significativas desse estudo foi reconhecer o uso de uma antiga teoria grega que ainda perdurava no século XVIII, sendo empregada para explicar o que atualmente entendemos como fenômenos fisiológicos, mais especificamente as disfunções uterinas. Ferreira, um sujeito desse contexto, embora não possuísse o mesmo prestígio dos médicos da época, teve a capacidade de expor a realidade local em que viveu e trabalhou como cirurgião, nos deixando a oportunidade de compreender como se dava a compreensão da fisiologia feminina e os tratamentos direcionados a ela (Ferreira, 2002, In: Furtado, 2002).

As análises comparativas realizadas entre as duas fontes principais, *Erário Mineral* (1735) de Luís Gomes Ferreira e o tratado "*Da natureza da mulher*" de Hipócrates, revelaram que não só as concepções médicas de Ferreira as disfunções uterinas ainda estavam alicerçadas na teoria Hipocrático-Galênico, como também algumas doenças descritas por Ferreira eram as mesmas relatadas por Hipócrates. Não se pode afirmar se de fato Ferreira teve acesso aos aforismos de Hipócrates diretamente da fonte, mas é evidente que sua concepção médica foi influenciada pela epistemologia presente nos manuais de medicina da época (Furtado, 2002, In: Furtado, 2002).

Para o tratamento dos problemas uterinos os remédios que poderiam proporcionar alívio deveriam ser selecionados com base no princípio da simpatia e antipatia. Isso nos leva ao segundo conceito. Com base na analogia, Ferreira identificou e compreendeu as características físico-químicas semelhantes entre as plantas novas da América Portuguesa e as que já eram familiares a ela no Velho Mundo, a fim de reconfigurar as receitas, de acordo com a nova realidade em que ele se encontrava (Foucault, 2000, p. 45; Wissenbach, 2002, p. 109, In: Furtado, 2002).

Ao verificar as descrições acerca de substâncias abortivas nos tratados em *Erário Mineral*, pode-se considerar que há uma ambivalência que acompanha a situação da terapêutica, no que diz respeito à determinação de um estado de gravidez ou não. Ao examinar os impactos induzidos por essas formulações nos sistemas fisiológicos dessas mulheres, torna-se evidente que

dois resultados potenciais podem surgir: provocar a menstruação, em casos de atrasos, ou indução do aborto (Coelho, 2002, pp. 166-167, In: Furtado, 2002). Ambas as causas eram tratadas com a mesma medicação, e, sem dúvida, o cirurgião buscava livrá-las dos fluidos venenosos (Dias, 2002, p. 90, In: Furtado, 2002).

As instituições médicas de Portugal reproduziram e consolidaram entendimentos da interpretação grega acerca da anatomia e fisiologia feminina, de modo que ainda no século XVIII a menstruação ainda era vista como um dos humores corporais (King, 2011, p. 207). Atualmente, é possível observar vestígios e até mesmo declarações que empregam o termo "humor". Adicionalmente, ainda encontramos conotações pejorativas relacionadas ao sangue menstrual. Essas noções fundamentam a caracterização da mulher como um ser anatômico e fisiologicamente imperfeito, evidenciando um processo que se consolidou ao longo de mais de dois mil anos. (Silva, 2019, p. 149; Souza, 2011, p. 131).

É imprescindível reconhecer a contribuição histórica dos povos originários e africanos para o conhecimento científico, especialmente na medicina. O uso das ervas e plantas mencionadas para diversos fins, entre os quais se destaca as práticas de cura, já era um costume estabelecido antes da chegada dos europeus. Tal realidade evidencia a relevância de seus conhecimentos, os quais foram incorporados e, consequentemente, enriqueceram a tradição médica europeia (Torres; Thomé, 2023, p. 90).

REFERÊNCIAS

AGE, Monica de Paula Pereira da Silva.O hospital real militar: saúde e enfermidade em Villa Boa de Go yaz (1746-1827). **Tese de doutorado**, 2014.Disponível em: T2014-08.pdf (ufg.br). Acesso em: 28 de Mar. 2024.

BADINELLI, Isaac Facchini. Medicina e comércio na dinâmica colonial: a trajetória social de joão cardoso de miranda (século XVIII). **Dissertação de mestrado**. Florianópolis. 2018. Disponível em: PHST0633-D.pdf (ufsc.br). Acesso em: 24 de Fev. 2024.

BELLINI, Ligia. Concepções do corpo feminino no Renascimento: a propósito de *De universa mulierum medicina*, de Rodrigo de Castro (1603). In: MATOS, Maria

Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. **O corpo feminino em debate.** São Paulo: Editora UNESP 2003.

BRANDÃO*, et al*. Useful Brazilian plants listed in the field books of the French naturalist Auguste de Saint-Hilaire (1779–1853**). Journal of Ethnopharmacology** 143 (2012) 488–500. Disponível em: Useful Brazilian plants listed in the field books of the French naturalist Auguste de Saint-Hilaire (1779–1853) (sciencedirectassets.com). Acesso em: 31 de Mar. 2024.

CALAINHO, Daniela Bueno. Farmacopéia e drogas medicinais no mundo luso-brasileiro setecentista. In: COSTA, João Paulo de Oliveira e**. Anais de história de além-mar.** Fundação para ciência e tecnologia, Universidade Nova de Lisboa, 2006.

CALAINHO, Daniela Buono. Jesuítas e medicina no brasil colonial**. Tempo**, Rio de Janeiro, nº 19, pp. 61-75 2005.Disponível em: v10n19a05.pmd (scielo.br). Acesso em: 28 de Mar. 2024.

CARDOSO, Guilherme; ENCARNAÇÃO, José d'. Arruda dos Vinhos–Uma rota privilegiada. **Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa**, n. 95, p. 89-110, 2010.

CASTRO, Deyse Lucy Luiz e. Aspectos tóxicológicos das plantas medicinais utilizadas no brasil: um enfoque qualitativo no distrito federal. **Centro de Excelência em Turismo**. Universidade de Brasília, março de 2006. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/468/1/2006_DyseLucyLuizCastro.pdf. Acesso em: Ago. 2023.

COELHO, Ronaldo Simões. O Erário Mineral divertido e curioso: a arte de curar. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). **Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira**. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Oswaldo Cruz, 2002.

DALBY, Andrew. ***Dangerous Tastes: The Story of Spices***. University of California Press. 2000. Disponível em: Dangerous Tastes: The Story of Spices - Andrew Dalby - Google Livros. Acesso em: 25 de Mar. 2024.

DEL PRIORE, Mary. Magia e medicina na colônia: o corpo feminino. In: **História das mulheres no Brasil** / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. - São Paulo : Contexto, 2004.

DIAS, José Pedro Felripa de Sousa. "Inovação técnica e sociedade na farmácia da Lisboa Setecentista". **Tese de Doutoramento**. Lisboa, Universidade de Lisboa/Faculdade de Farmácia, 1991.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Nos Sertões do Rio das Velhas e das Gerais: vida social numa frente de povoamento, 1710-1733. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). **Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira**. Belo Horizonte; Rio de

Janeiro: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Oswaldo Cruz, 2002.

FAGUNDES, Fernanda Ribeiro Rocha. Boticas, funcionários do ultramar e intermediários do tráfico a serviço da cura: a américa portuguesa e angola (séculos XVIII/XIX**). Repositório Internacional da Fiocruz- Arca**, Casa de Oswaldo Cruz- Fiocruz, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/18237. Acesso em: 20 de Jul. 2024.

FANTHAM, Elaine, *et al.* Woman in the classical world: image and text**. New York, Orford, Oxford University Press,** 1994. Disponível em:< SSRN-id1010394.pdf. Acesso em: 10 de Mar. 2024.

FERREIRA, Luís Gomes. Tratado II: das obstruções. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). **Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira**. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Oswaldo Cruz, 2002.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas**. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FURTADO, Júnia Ferreira. Arte e segredo: o Licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens. In: In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). **Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira.** Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Oswaldo Cruz, 2002.

GARIN, Eugenio. **Ciência e vida civil no renascimento italiano**. São Paulo: Editora Unesp, 1996.

GUARESCHI, Icilio. D'Itali, Farmacopea Ufficiale Del Regno. Commentario Della Farmacopea Italiana E Dei Medicamenti in Generale: PT. 1. Tecnica Farmaceutica. Legislazione Farmaceutica. 1923. In: LOW, Tim, et al. **Reader's Digest magic and medicine of plants.** Editora: Reader 's Digest (Austrália) Pty Limited (1 de dezembro de 1994), 1994.

GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. Civilizando as artes de curar: chernoviz e os manuais de medicina popular do império. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 12**, p. 501-514, 2005. Disponível em:< SciELO - Brasil - Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império>. Acesso em: 22 de Fev. 2024.

HIPÓCRATES. **De la nature de la femme**. Trad. E. Littré. Paris: Chez J. B. Baillière, 1851. Apud. CARRAT, Caroline. *Et Al.* Antiguidade grega e latina desde a idade média. França. Philippe Remacle , Philippe Renault, François-Dominique Fournier, J.P. Murcia, Thierry Vebr, Caroline Carrat**..** O site consiste em 13 partes. Disponível em: http://remacle.org/bloodwolf/erudits/Hippocrate/naturefemme.htm. Acesso em 27 de Dez. 2022.

KING, Helen**.** Galen and the widow: towards a history of therapeutic masturbation in ancient gynaecology. **EuGeStA: Journal on Gender Studies** in Antiquity, 1 pp. 205–235. 2011. Disponível em: *6a635a6aac40cb173414c7600e65ccd36f86.pdf (semanticscholar.org). Acesso em: 19 de Fev. 2024.

KING, Helen. **'The mathematics of sex: one to two, or two to one?': from special issue of Studies in Medieval and Renaissance History: Sexuality and Culture in Medieval and Renaissance Europe**, 3rd series, vol. II, 2005, 47-58. Disponível em: What are 'women' in ancient gynaecology (open.ac.uk). Acesso em: 08 de Mar. 2024.

LAQUEUR, Thomas. **Making Sex: Body and Gender from the Greeks to Freud**. Harward University Press. 1990. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=XR2BcRwiG-sC&oi=fnd&pg=PR11&dq=thomas+laqueur+gender&ots=wYDAwMfM44&sig=7bXS1RyIObAR6oVorlW4Z2KQbZM#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 03 de Fev. 2024.

LEAL, Ondina Fachel. **Corpo e significado: ensaios de antropologia social.** Editora da Universidade- UFRS. 1995.

LE BRETON, D. **El Sabor del Mundo: Una antropologia de los sentidos**. 1 ed. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vísión, 2009.

LEITE, Bruno Martins Boto. **Mezinhas antigas e modernas: A invenção da Triaga Brasílica pelos jesuítas do Colégio da Bahia no período colonial.** Seminário, 13º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/download/33782019/1345053666_ARQUIVO_Mezinhasantigasemodernas.pdf. Acesso em: 06 de Jan. 2024.

LEITE, Serafim. **Breve história da Companhia de Jesus no Brasil (1549-1760).** Braga, Livraria A.I., 1993.

LIMA, Ana Kerly Ribeiro. Estudo de prospecção científica tecnológica da atividade medicinal da espécie Ruta graveolens L. (Arruda). **Monografia**. Universidade Federal do Maranhão, Pinheiro- MA, 2018. Disponível: https://monografias.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/3223/1/ANA%20KERLY-LIMA.pdf.. Acesso em: 1 de Out. 2023.

LODY, R. **Dicionário de arte sacra e técnicas afro-brasileiras**. Rio de Janeiro, Pallas, p. 322. 2003.

LOURENÇO, Tânia Souza. O médico entre a tradição e a inovação: joão curvo semedo. **Dissertação de mestrado,** Niteroi, RJ, 2016. Disponível em: O MÉDICO ENTRE A TRADIÇÃO E A INOVAÇÃO: JOÃO CURVO SEMEDO

(uff.br). Acesso em: 17 de Fev. 2024.

MEIRELLES, Juliana Gesuelli. Ilustração, medicina e circulação de ideias no mundo luso-brasileiro (sect. XVIII-XIX**). Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, ISSN-e 2175-3423, Vol. 9, No. 17, 2017 (Número dedicado a: A alma e o corpo por escrito: literatura religiosa e médica, séculos XVI-XIX (Jan-Jun/2017)), pp. 138-15. Disponível em: Ilustração, medicina e circulação de ideias no mundo luso-brasileiro (sect. XVIII-XIX) - Dialnet (unirioja.es). Acesso em: 28 de Mar. De 2024.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. Médicos, cirurgiões, boticários e curandeiros na colônia.In MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. **A arte de curar nos tempos da colônia: limites e espaços de cura.** 3. ed. rev. ampl. e atual. – Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2017.

MOZZATO, Andrea. The Pigment Trade in Venice and the Mediterranean in the Second Half of the Fifteenth Century. **Renaissance Studies in Honor of Joseph Connors,** v. 2, p. 171-179, 2013.

ORLANDA, J.F.F. Estudo da composição química e atividade biologica do óleo essencial de *ruta graveolens linneaus* (RUTACEAE), 2011. p105. **Dissertação de Mestrado-** Centro de Ciências EXATAS E DA Natureza- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível: Microsoft Word - Tese Final.doc (ufpb.br). Acesso em: 02 de Abr. 2024.

POLETTO, Roberto. Continuidades e avanços nos saberes médicos na europa da primeira metade do século XVIII: uma análise dos tratados médicos de Ayala (1705) e Sanz de Dios (1730). **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Vol. 3 Nº 6, Dezembro de 2011.

PORTER, Roy. VIGARELLO, Georges. Corpo, saúde e doenças. In: CORBIN, Alain. COURTINE, Jean-Jacques. VIGARELLO, Georges. **História do Corpo: Da Renascença às Luzes** – Vol I. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

READ, Sara. Those Sweet and Benign Humours that Nature Sends Monthly': accounting for menstruation in early-modern England. **Doctoral thesis**, 2010. Disponível em: https://repository.lboro.ac.uk/articles/thesis/_Those_Sweet_and_Benign_Humours_that_Nature_Sends_Monthly_accounting_for_menstruation_in_early-modern_England/9327668. Acesso em: 05 de Jun. 2022.

RIBEIRO, Márcia Moisés. A trajetória social de um cirurgião na América Portuguesa do século XVIII. **Almanack Braziliense** n°02, novembro 2005. Disponível em: Vista do Nem nobre, nem mecânico: A trajetória social de um cirurgião na América portuguesa do século XVIII (usp.br). Acesso em: 03 de Abr. 2024.

RODRIGUES, Eugénia. A medicina europeia e a natureza na África Oriental:

acomodações e investigações no período moderno.In: NODARI, Eunice Sueli. CORREA, Silvio Marcos de Souza. **Migrações e Natureza**. Oikos Editor, 2013. Disponível em: https://gomaoficina.com.br/wp-content/uploads/2017/09/1097_Migra%C3%A7%C3%B5es-e-natureza-E-Book1.pdf#page=94. Acesso em: 4 de Nov. 2023.

SANTOS, Ademir Valdir dos. CUSTÓDIO, Renato da Silva. Chemistry in the Statute of the Faculty of Philosophy of Coimbra (1772): origins of a School Subject. **Cadernos de História da Educação, v.19, n.2, p.409-425**, mai./ago. 2020 e-ISSN: 1982-7806. Disponível em: deciogatti,+Ademir+Valdir+dos+Santos+-+Renato+da+Silva+Custódio-EN+-+DIAGRAMADO.pdf .Acesso em: 28 de Mar. 2024.

SANTOS, Fernando Santiago dos. **As plantas brasileiras, os jesuítas e os indígenas do Brasil: história e ciência na Triaga Brasílica**. São Paulo: Casa do Novo Autor Editora, 2009.

SANTOS, Valdecí dos. SANTOS, Selma dos; RAMOS, Lívia Daniela dos. A interface etno-biologia-educação: etnoconhecimentos de indivíduos da terceira idade sobre plantas medicinais e sua orientação terapêutica**. Revista Metáfora Educacional** (ISSN 1809-2705) – versão on-line, n. 1 (jan. - jun. 2005), 2005. Disponível em: O idoso é detentor de uma experiência única, de uma história que deve ser passada e ouvida com atenção pelos mais jovens (valdeci.bio.br). Acesso em: 07 de Abr. 2024.

SEIÇA, Raquel. O vinho no bem-estar da mesa e do corpo. In: SOARES, Carmen, RIBEIRO, Cilene da Silva Gomes**. Mesas luso-brasileiras: alimentação, saúde e cultura.** Universidade de Coimbra, PucPress, 2018. Disponível em: O vinho no bem-estar da mesa e do corpo (uc.pt). Acesso em: 15 de Ago. 2024.

SILVIA, Carolina Domladovac. Um estudo léxico-semântico sobre a farmacopeia do brasil colonial em documentos do século XVIII. **Tese de doutorado**, Araraquara, São Paulo, 2002. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/235886/domladovac-silva_c_dr_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 29 de Dez. 2022.

SILVA, Eduardo Mangolim Brandani da. Uma jabuticaba no herbário: descrição, catalogação e divulgação da flora do Novo Mundo no século XVI. **Dissertação de mestrado,** 2023. Disponível: Teses — Programa de Pós-Graduação em História (uem.br). Acesso em: 25 de Mar. 23 de 2024.

SILVA, Luisa Stella de Oliveira Coutinho. **O saber médico e o corpo das mulheres no brasil colonial: a tradição médica da metrópole na capitania da paraíba**. Iberoamericana, XI, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/350042853_O_saber_medico_e_o_corpo_das_mulheres_no_Brasil_colonial_a_tradicao_medica_da_metropole_na_Capitania_da_Paraiba. Acesso em: 13 de Mar. 2024.

PAPAVERO, N. LUZ, J.R.P.J, Llorentebousquets. **Historia de la Biología Comparada. IV. De Descartes a Leibniz (1628- 1716)**. Universidad Nacional Autónoma de México, Ciudad de México, 2001.

PESSOA JUNIOR, Osvaldo. A classificação das diferentes posições em filosofia das ciências. **COGNITIO-ESTUDOS: Revista Eletrônica de Filosofia**, São Paulo, Volume 6, Número 1, janeiro - junho, 2009, p. 054-060. Disponível em: Vista do A Classificação das Diferentes Posições em Filosofia da Ciência (pucsp.br). Acesso em: 19 de Ago, 2024.

SANDMAN, A. Chapter 1: Controlling Knowledge: Navigation, Cartography, and Secrecy in the Early Modern Spanish Atlantic. In: DELBOURGO, J.; DEW, N. (Org.). **Science and Empire in The Atlantic World**. 1 ed. Nova Iorque: Routledge, 2008, pp.31- 52.

TORRES, Marie Helene Catherine; THOMÉ, Brenda Bressan. As Grandes Desventuras de Isabel Godin des Odonais na Amazônia na 1ª metade do Século XVIII. **Cadernos de Tradução**, v. 42, p. 82-93, 2023. Disponível em: scielo.br/j/ct/a/6DTfJfTQJnvFhSgwCy4p9QQ/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 07 de Abr. 2024.

VENÂNCIO, Renato Pinto. Maternidade negada. In: **História das mulheres no Brasil** / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. - São Paulo : Contexto. 2004.

VIANA, Kelly Cristina Benjamim. **Mágicos doutores: a arte médica entre a magia e a ciência nas minas gerais setecentista (1735-1770).** UFC, 2008. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3347. Acesso em 12 de Jul. 2023.

WHITEHEAD, Neil L. Hans Staden and the Cultural Politics of Cannibalism**. Hispanic American Historical Review** (2000) 80 (4): 721–751. Disponível em: Hans Staden and the Cultural Politics of Cannibalism | Hispanic American Historical Review | Duke University Press (dukeupress.edu). Acesso em: 25 de Mar. 2024.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Gomes Ferreira e os símplices da terra: experiências sociais dos cirurgiões no Brasil colonial. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). **Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira.** Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Oswaldo Cruz, 2002.

Recebido em 05/12/2024.

Aprovado para publicação em 05/12/2024.